Glória Inés Gamboa Fajardo*

Os elos da História – Gálatas 2,9-10

The Links of History – Galatians 2,9-10

Resumo

Não é possível desconhecer a história dos povos que, através dos tempos, vem mostrando a miséria e a pobreza de sua gente diante das estruturas de poder que se levantam como modelos de organização social, que justificam a conformação dos elos da injustiça, do desamor, da indiferença, do acúmulo de alguns que vão desconhecendo as necessidades tão humanas de seu próximo, falando nos princípios de justiça e ignorando o gemido dos pobres, que somente Deus sabe escutar, por isso constatamos que Ele fornece forças aos fracos e levanta o caído, mediante ações daqueles que conseguem entender de onde surgem estas crises de valores e como responder diante de tanta decepção. Na vida encontramos desafios e oportunidades para colocar à prova a capacidade de servir como a razão da existência. É aqui onde encontramos os profetas, Jesus de Nazaré, e o discípulo que segue o rastro do Mestre ressuscitado que torna possível a prática humana de ajudar os pobres. É nesta realidade que encontramos Paulo.

Abstract

It's not possible to ignore old towns history, that thought times has shown misery and poverty of people against elaborated power structures that stand up as a model of social organizations, that justify industry steps of injustice, the unloved, the indifference, the overreach of a few that go around not caring for people's needs, failing in this way to justice principles and ignoring the poor's laments, laments that only god knows how to hear, that's why we say that he gives strengths to the weak and picks up the one who fails on its knees, this all thought good actions of good people that understands where this fundamental values crisis comes from. How do you answer to such a life deception? Life presents opportunities and challenges to test our lives in service to others existence, this were we find prophets, Jesus of Nazareth, and the disciples that follow the trace of the resuscitated one, they make possible human practice in order to help poor people, in this reality we find Paul.

* Biblista popular do Centro Bíblico Claret de Cali; licenciada em Ciências da Educação pela Universidade Santiago de Cali, especialista em estudos bíblicos da Uniclaretiana, docente tutora da Uniclaretiana e da Unicatólica. Texto traduzido por Rogério Lima de Moura, doutorando em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo.

1. História da Injustiça

Falar dos pobres é tratar de rememorar as muitas histórias de opressão e injustiças que através dos tempos se tem colocado como dinâmica de governabilidade para os povos, onde a hierarquia dominante coloca as condições chamando isso de códigos religiosos, códigos legislativos, códigos de santidade, leis, decretos, resoluções ou mandatos de cunho político, religioso e econômico que protegem as instituições reinantes e justificam a submissão, o despojo e a exploração em todas as dimensões do desenvolvimento do ser humano, se esquecendo de olhar o ser como pessoa, como ser único e irrepetível com a essência divina que o criador colocou nessa criatura, assim é como se tem manifestado a chamada civilização e progresso dos povos organizados em clãs, tribos, aldeias, cidades-estados, cidades, metrópoles, cosmopolitas e mega cidades até os dias de hoje, todos estes tem constituído os elos de uma grande cadeia de escravidão que sem misericórdia alguma tem estrangulado os povos nesse desejo de conquista territorial e econômica com a justificação da racionalidade, mas à luz da justiça se pode dizer que tem sido produto da irracionalidade que se identifica com a animalidade de quem não consegue compreender em que consiste a bênção de Deus, Mãe e Pai para toda a humanidade, e que esta deve entender-se como as possibilidades de suprir as necessidades básicas e muito humanas de cada dia, no contrário é entrar na dimensão da ganância que tem como resultado uma riqueza e opulência egoísta e desmedida e é isto que denunciam os profetas através da história até chegar os evangelhos, onde sempre se denuncia o fenômeno social no ponto crítico da extrema pobreza e miséria onde se considera o pobre como lixo humano que atrapalha, da mesma maneira que eu desejo que o lixo que se deve juntar e jogar fora porque não contam como classe social; remeterei à reflexão do padre Gonzalo (TORRE GURREIRO, 2000, p.10):

Os bens são para desfrutá-los e repartir enquanto se vive

Jesus enxergava que a finalidade dos bens estava totalmente pervertida. Jesus fornece aos bens um sentido de humanização.

“Não monopolizar não significa deixar de desfrutar, Jesus promete ‘cem vezes mais’ a quem ‘reparte ou compartilha com os pobres’ e acolhe o amor dos irmãos e irmãs com quem formará uma nova família. Esse desfrutar da abundância que muitas vezes é proporcionado pelo amor compartilhado”.

O que quer dizer que sim, é possível construir a história pessoal segundo as decisões ou escolhas que se façam frente a realidades sociais da pobreza, e o pobre pode ter a coragem de reclamar, apelar e reivindicar os direitos daqueles que o sistema opressor tem silenciado, envergonhado, acabado e desumanizado.

2. Paulo e o Modelo de Israel

Cada povo é único em sua identidade e constrói seu modelo de vida a partir de sua força, espiritualidade, sua esperança, criatividade, capacidades, interesses, possibilidades territoriais que se vão capitalizando para dinamizar sua própria comunidade e entrar na relação com outros povos, e assim como o povo de Israel, se levanta como um modelo muito particular pensado e construído sobre valores comunitários diante de tudo com um elemento principal, o elemento da justiça, que gera os critérios do amor, expressado como solidariedade, misericórdia, amizade e fraternidade que faz possível o bem comum do serviço, respeito, tolerância e da autonomia, e por isto que se lembra permanentemente o ideal de Dt 15,4, onde o mais forte deve acolher e ajudar os mais fracos. Neste mesmo sentido temos Dt 15,7-8 onde está claro que os bens que se tem devem gerar as ações de compartilhar com aqueles que não possuem, esta é uma característica do sentido social comunitário que desenvolve no povo de Israel em suas origens e que depois enfatizou Jesus de Nazaré.

Albert Gélín em seu documento “Os Pobres de Yahweh” diz que há três formas de entender a pobreza e estas estão dadas a partir das seguintes expressões: *dal*, *ebion* e *ani*.

A palavra ***dalse*** refere a uma raiz hebraica ***dato***, ser insignificante, fraco, miserável, confirmada também em expressões acadianas e árabes. O ***dalé*** o pobre em seu estado de miséria e se aplica no sonho do faraó.

O ***dal***, ao ser traduzido ao grego, “***tapeinos***”, significa o que está desprovido de bens normais, amigos, sorte, força e riqueza.

A palavra ***ebion*** tem sido estudada recentemente por P. Humbert. Deriva da raiz hebraica ***aba***, querer, desejar, cujo sentido se mantém também no acádio e no egípcio antigo. O ***ebion*** é algo “desejoso”, “o pobre” considerado em seu aspecto de pedinte, de mendigo. A palavra não somente expressa carências, mas também ao mesmo tempo, petição e esperança de ajuda, Ex 23,6.11.

O ***ebion*** ao ser traduzido ao grego “***ptojos***” significa aquele que não tem nada.

O ‘ani é “o homem que se encontra no estado de valor, de capacidade, de vigor diminuídos, debaixo do peso da miséria (‘oni) transitória ou permanente, derivada da pobreza econômica e também da enfermidade, do cativo e da opressão. É o equivalente do termo português “humilhado”. A palavra ‘anau(aplicada uma só vez no singular) tem o mesmo sentido fundamental que ‘ani. Esta palavra tem tomado com mais facilidade que as anteriores um sentido religioso (humilde diante de Deus) mas isto ocorre em caráter geral e, em muitos casos, sobretudo, na expressão ‘anueja’ ares (pobres da terra), continua usando-se como sinônimo de ‘ani.

Paulo consegue entender que sua missão e vocação deviam responder a este ideal nobre de ajudar aos pobres, Gl 2,9-10 e que toda a interpretação da palavra feita vida do ressurreto estava encarnada nos pobres e a partir dos pobres, por isso é importante entender que a palavra chave da interpretação bíblica, sempre girava em torno dos pobres e a partir dos pobres, porque é a partir dessa realidade que se constrói o sentimento de família vasta ou estendida que sente a dor e as necessidades mais sufocantes e busca a maneira de resolver as maiores prioridades para a subsistência.

3. Não se deve esquecer dos Pobres

Em qualquer tipo de organização social se não está presente o princípio de justiça, honestidade e serviço, pode-se ocorrer o risco que se transformem em estruturas corruptas, onde somente reina a injustiça que pisoteia o povo, deixando um rastro de pobres, e isto precisamente foi o que viveu o povo pobre e dividido de Israel e notoriamente visível em Jerusalém, coração latente do sistema religioso judaizante, nenhuma região da Palestina era alheia a crescente desigualdade que se vivia na medida que foram passando os diferentes tipos de impérios que marcaram cada época da história até encontrar a desenfreada fúria do autoritarismo do império romano (DE RIQUER E DE RIQUER, 1988, p. 109-110), sem deixar de questionar a governabilidade própria das monarquias do povo de Israel denunciadas em cada época por aqueles que se identificam como profetas, exemplo concreto que no passado e hoje poderia se repetir as palavras do profeta Miqueias 3,1-3.

O pobre sempre será a vítima das estruturas politicamente polarizadas e religiosamente viciadas, os momentos de fortes confrontações do sistema tribal e o sistema monárquico fizeram estragos no povo de

Israel, isto se vê claramente em I Reis 12-13, onde se deve repensar uma organização de resistência diante do contexto complexo da participação dos reinos ao se perder a unidade tribal que fazia o esforço para conservar o princípio de justiça que fazia possível os direitos contemplados na organização comunitária. O movimento profético nasce precisamente no meio de contextos conflitivos entre o tribal e o monárquico mas nada muda, continuam os confrontos e denúncias feitas por Jesus em uma Palestina convulsionada e igualmente outros povos viviam situações parecidas.

Por isso, abordar Gl 2,9-10 é recordar o compromisso de todo ser humano com o próximo, uma ênfase permanente de Jesus, que consegue falar profundo na primitiva experiência das comunidades cristãs até chegar a geração que liderava Paulo, sem desconhecer toda a problemática externa e interna que se vivia no contexto do momento, por isso o ministério de Paulo não foi fácil, havia muitas tensões, entre elas o reconhecimento de sua autoridade como apóstolo, o cumprimento da lei em termos de circuncisão que além de ser um rito masculino, deixava invisíveis as mulheres e impedia que outros povos se manifestassem em sua própria cultura e que deviam assumir a história e as leis sagradas do povo judeu segundo o legalismo que manejavam, negando-se assim a inculturação, as raízes e a gênese própria dos povos novos que acolheram o evangelho como boa nova que transforma as realidades de escravidão por realidades de liberdade e autonomia; são muitos os prejuízos, dilemas, acusações, aparências, mal entendidos, discórdias, invejas e opiniões que vão criando obstáculos à missão de Paulo e no meio dessa situação, Paulo tem muito claro a ordenança da ajuda aos pobres.

A situação de pobreza e escravidão em cada região visitada e percorrida por Paulo era notória apesar de serem cidades muito ricas e contar com um relevo que facilitava o trânsito de mercadorias como eram as cidades costeiras ou também se destacavam por sua atividade agrícola, pecuária, têxtil, industrial, mineral, artesanal, ricas culturalmente, todas elas de uma grande influência helênica, mas dominadas pelo império romano que impunha a ideologia que o imperador devia ser reconhecido como um *kyrios* e *soter* e como colônias desempenhavam um papel de centros administrativos, centros religiosos, centros militares, era abundante a prostituição religiosa e a prostituição como resultado da vida libertina; a sociedade estava fortemente hierarquizada e por isso o primeiro lugar era para o imperador e seus funcionários

a quem se reconhecia dignidade, além de ter o privilégio de serem cidadãos romanos que podia fazer valer seus direitos, igualmente os magistrados, a aristocracia, os estrangeiros endinheirados e finalmente se encontram os escravos, estes últimos constituem o maior número de habitantes em cada região e se consideravam sem direitos, incluindo que valiam menos do que um animal.

4. A Crise de Jerusalém

Nenhuma região da Palestina sofreu, resistiu e suportou tão violentamente a anarquia que o povo de Judá em seu centro político religioso de Jerusalém, devido às contínuas revoltas e insurreições dos judeus nacionalistas, ou porque assumiam o anúncio do evangelho, que era o caso de Pedro e João At 4,1-22;5,17-18; 5,36-38 e as contínuas perseguições do rei Herodes, At 12,1-4, no mesmo nível, não se pode desconhecer os distúrbios civis e os tempos de fome que assolavam o povo judeu, dele se tem lembrança no ano 40 d.C, por isso encontra-se o pedido constante e permanente de não se esquecer dos pobres de Jerusalém; o desastre que vai acontecendo pelas exigências e abusos do império romano especialmente com Nero, que foi o arquiteto de seus excessos nos anos 55 a 68 d.C, se julgam seus feitos pela perseguição frontal e desmedida contra os cristãos; Nero, em seu ego doente e soberbo perde a dimensão da realidade como autoridade política e militar e se suicida, neste contexto a situação se agrava pela falta de autoridade e entram em disputa do poder imperial romano, esta época é conhecida como a época dos quatro imperadores, que na sua ordem foram: Galba, Oton e Vitelo, mas o desequilíbrio político gerou instabilidade e confusão nas colônias romanas até que no ano 69 assume o poder imperial a dinastia Flávia com Vespasiano, toda essa situação é aproveitada pelas colônias insatisfeitas com a sujeição aos romanos e muitos povos se levantam, entre eles temos a grande revolta em Jerusalém e é Tito quem em nome do império entra e coloca ordem destruindo a cidade e o templo no ano 70; repete-se a situação que em algum momento viveu o povo de Israel com a destruição que ocasionou a entrada brutal do império babilônico, deixando a desolação, a orfandade, a confusão e a paupérrima vida para o povo pobre. Toda essa história de dor está presente na consciência de Paulo, que consegue sensibilizar a outros povos que humanamente contribuem e ajudam a desvalida comunidade cristã de Jerusalém.

Nesses elos da história o mundo tem perdido a sensibilidade social, hoje se avança mais na ciência e tecnologia, há preocupação pelo tempo e a energia, se dão passos largos à destruição da natureza e sua fauna e sua flora, na riqueza natural que produz a terra, impactando a vida, o pensamento da lógica racionalista elabora lindos discursos para destruir o bom pelo danoso, ao ponto que um grande cientista que desconhece a grandeza de Deus, como Stephen Hawking, disse “que nos encontramos no momento mais perigoso da evolução humana”.

De tudo, o que menos se fala é de como evitar que continuem reproduzindo esses tipos de poder que aumenta a vida miserável dos povos?

Falta enganchar bem o elo que facilmente se deixa de lado mas quando se entende a mensagem do evangelho, se poderá compreender que não são as doutrinas, nem os discursos ideologicamente elaborados os que conseguem dar um fim a tanta injustiça e egoísmo, não se pode tapar com um dedo o sol, como tampouco se poderá ignorar o pobre.

Referências

ALBERTZ R. **Historia de la Religión de Israel en tiempos del Antiguo Testamento**. Trotta, Madrid 1999.

CHARPENTIER E. Para leer el Nuevo Testamento. **Verbo Divino**, Estella 1982.

DE LA TORRE G. **Las Parábolas que narró Jesús**. Mundo Libro (2000:10)

DE RIQUER M. Y B., **Reportaje de la Historia**. Tomo I. Planeta 1988.

DRANE J. La vida de la primitiva iglesia. **Verbo Divino**, Estella 1992.

ESCUADERO FREIRE C. **Devolver el Evangelio a los pobres**. A propósito de Lc1-2. Sígueme Salamanca 1978.

STORNIOLO I. **El Evangelio de San Lucas**: Los Pobres construyen la historia. San Pablo, Madrid 1995.

Traduzido por Rogério Lima de Moura